



A Illustração Portuguesa
Semanario
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Paiva; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Juizos do mundo*, conto, por Affonso Vargas;—*Manuel Thomaz*, conto, por Frederico Portc;—*A pau*, conto, por Magalhães Fonseca;—*Flores seccas*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passalempo)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A pequena actriz*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*João de Carvalho Ribeiro Vianna*;—*Duque d'Avila e de Botama*;—*A offerenda da viuva*;—*Modas*;—*O tunel do Monte-Cenis*.

CHRONICA

Como eu, que não visjo em carruagem salão, por entre o estrondear ensurdecador 'das girandolas festivas e do vivorio official, estou á data d'esta sendo invejado pelos nossos monarchas e por toda a sua comitiva!

Como elles, no seu gyro vertiginoso atravez do torção uberrimo do Norte, *lunchando* aqui, *jantando* acolá, ouvindo agora a saudação dos camaristas de Bouças, tendo logo de receber na Abrunheira as felicitações do poeta Belchior, em redondilhas menores, terão tido inveja d'um chronista ignorado, que se aborrece aqui pyramidalmente, é certo, mas que disfructa o supremo gozo da mais ampla e completa liberdade em todos os seus actos, em todos os seus movimentos!

A Chronica conhece muito de perto a delicadeza da familia real, excepção feita do principe da Beira, que ainda não está em idade de ter delicadezas. Mas apesar de a conhecer, de responder por ella como quem d'ella já teve a honra de ser alvo, ia jurar sobre umas Horas que Sua Magestade Fidelissima, alta noite, quando recolhido ao silencio do palacio dos Carrancas, livre de testemunhas de vista, escapado por instantes aos brindes

congratulatorios, sem grammatica, das municipalidades transmontanas, por mais de uma vez mandou ao diabo as inaugurações d'isto e d'aquillo, os jantares e os *lunchs*, os foguetes e os vivas, os administradores de concelho



JOÃO DE CARVALHO RIBEIRO VIANNA

encasacados e os presidentes das Camaras que deitam discurso, sem dó nem consciencia.

E mandando tudo aquillo ao demo, pelo muito que o tem flagellado, Sua Magestade acabará por considerar que não se pode ser rei em terras portuguezas, especial-

mente do Porto para cima, e que só ao collo da ama, sem dizer palavra e sem perceber o que os outros dizem,—como succede ao principe da Beira,—uma pessoa real deve aventurar-se a viagens d'estas, em regiões luzitanas, onde se estafa a realeza com longas caminhadas e com brindes de sete respostas.

Não venham cá dizer-me que a gente das terras do Norte—o berço da monarchia e da liberdade—adora as pessoas dos seus monarchas. Adora uma figa torta. Uns regicidas descaroados é o que elles são!

Ao menos na Russia, os nihilistas são muito mais promptos nos seus processos, quando pretendem desfazer-se d'um czar. Quasi que nem premeditam o assassinio; recorrem, no momento preciso, a umas grammas de dynamite, e zás. A explosão opera-se e o czar morre sem agonias, sem dar por isso. E' coisa summaria e breve.

Entre nós não succede o mesmo. Leva se vinte dias a preparar o local do supplicio onde a realeza deve cair esfalfada, deitando os bofes pela bocca fóra, moida, exanime. O crime é maduramente premeditado pelo governo, d'accordo com as municipalidades.

—Preparaes-vos para o sacrificio, real Senhor! diz o ministro do reino á pessoa do rei. Está tudo a postos. Os verdugos esperam. Vossa real familia que vos acompanhe. Nem o filho de vosso filho escapará á hecatombe. Sou para todos vós o momento extremo e solemne.

E ás sete horas da manhã d'um domingo chuvoso, exactamente quando o corpo mais pede o aconchego morno dos lençoes de fina bretanha, el-rei levanta-se e parte, levando consigo esposa e filhos e o seu primeiro neto, a gentil creancita inconsciente, nascida de poucos mezes, que áquella hora fazia óó, com os labios vermelhos como cerejas ainda collados ao seio uberrimo e quente da ama.

O comboyo que os leva a todos, roubados ás delicias do somno e aos confortos do alcaçar, parte rapido, exhalando das suas entranhas de fogo uns silvos sinistros e lugubres como pios d'ave agoirenta.

Com as Magestades vae um bando de *reporters*. No Entroncamento, o magnanimo rei, apercebendo-se de que elles têm fome, os miseros, dá-lhes d'almoçar, e diz-lhes n'uma olhadella significativa:

—Que ao menos o estomago cheio lhes dê forças para contarem á posteridade o que eu penei!

O martyrologio iniciado em Santa Apollonia toca o maximo de intensidade no Porto, onde a real familia chega ás 4 horas da tarde d'aquelle mesmo domingo chuvoso e triste. Pelas estações do caminho, uma inferneira, um delirio, um como que reflexo da sinistra alegria com que os parisienses assistiram á execução de Pranzini.

Girandolas e repiques de sinos, annunciavam que começára o supplicio dos monarchas.

Camaristas, vestidos de gatos pingados, tinham nos labios o sorriso satisfeito de quem diz com os seus botões:—Ora até que vos apanhei!

E enquanto o principesito da Beira batia palminhas, diante de todos aquelles verdugos, na sua despreocupação e na sua inconsciencia de *baby*, el rei, seu avô, lá no intimo, estava com vontade de lhes bater, farto de tanto foguete, de tanto viva, de tanto discurso.

Na cidade invicta, uma massada. Christo, com ser Christo, soffreu menos, porque não consta que houvesse visitado nunca, em sua preciosa vida, o porto de Leixões, nem ouvido cantar, em recita de curiosos, o *Barbeiro de Sevilha*, nem presenciado a inauguração de ne-

nhum caminho de ferro, com *Te-Deum laudamus*, benção de locomotivas, girandolas, hymnos da Carta e brindes ás duzias e rhetorica a rôdo. N'aquelle tempo ainda não havia rhetorica.

E como se tudo isto não fosse ainda bastante, sobre a pessoa pacientissima e soffredora de el-rei começam a chover de todos os lados dadas esquisitas e estapafurdias. Um, lembra-se de o asphixiar entre cobertores de lã nacional; outro enfia-lhe pela real cabeça chapéus de novo modelo; um terceiro faz-lhe presente de umas botas; um quarto toma-lhe, á viva força, medida de umas calças, como se todos á porfia quizessem vel-o ir vestido e calçado para o reino do Ceu, onde, depois de tão longo martyrio no reino da terra, Sua Magestade acaba de conquistar um logar de honra entre os santos mais santos.

Conforme já dissemos, os povos do Norte não se limitaram a estafar em prosa os regios visitantes, convencidos talvez de que isso não produziria ainda o effeito desejado—dar cabo d'elles. E n'esta convicção, deitaram verso á mistura, pela bocca de prata do poeta Belchior, um bardo transmontano *doublé* de um mestre-escola ingenuo e mal comido.

Ahi vae uma amostra das endeixas de Belchior:

Entre applausos e vivas e cantos,
E ao ritombo do Krupp canhão,
D. Luiz louva, oh Lysia, os encantos,
O Monarcha da Lusa Nação.
—Viva! Viva! Luiz sublimado,
Rei augusto, benigno, illustrado.

Ide á rica e feraz Mirandella,
Villa linda, qual linda sultana,
Que galharda a sorrir vos espera
Qual princeza gentil e soberana.

E de lá e na regia Lisboa,
Entre encantos e festas reaes,
Não olvides, egregio Monarcha,
Nossa patria, a jovial Codessaes.

Os versos que ahi vedes, leitor amigo, fôram disparados com muitos outros, á queima roupa, pelo poeta da jovial Codessaes, em cima d'um palanque forrado de chita, no meio da via ferrea.

Era esta a mais dura prova a que as gentes do Norte submettiam a pessoa d'el-rei, se é que outras bem mais duras lhe não estão ainda reservadas.

S. Magestade ouviu tudo resignadamente, e tudo supportou, com o sorriso dos justos a illuminar-lhe o rosto.

Não deram os telegrammas ainda a infausta nova de que el-rei houvesse succumbido a tão duros tratos. Mas se, por milagre, elle consegue escapar aos supplicios indcriptiveis d'esta penosa viagem, estamos certos de que nunca mais voltará ao Norte, nunca mais.

Aquillo não é uma recepção festiva, é um regicidio em regra, é o diabo!

JUIZOS DO MUNDO

Toda a gente que conhecia o Manuel Rosas era unanime em classificar-o um estroina.

Rapaz perdido, cabeça no ar, incapaz de uma idéa seria, eis a opinião geral.

E' certo que elle ajudava dedicada e religiosamente o pae na labutação do escriptorio, desde as onze horas em que para lá entrava até ás cinco ou seis horas em que saía, que em casa era de uma ternura captivante e sympathica pela mãe e pelas irmãs, que mostrava um ar agradável aos creados ou a quem quer que vinha importunal-o; mas, fossem lá destruir o conceito que se havia formado em volta do seu simples nome!

A opinião publica, que é de ordinario a opinião mais «particular» que se conhece e que tantas vezes se forma sobre o juizo sem fundo de um idiota, de um calumniador, ou de um ignorante, a opinião publica resolverá chamar esturdiado, extravagante, perdido e devasso ao Manuel Rosas, e naturalmente nunca mais corrigiria a sua sentença, o que é tambem, na maioria das vezes, uma das suas preciosas qualidades de sentenciadora e de critica...

Havia, em verdade, muita gente que se julgava com igual direito a formular uma idéa sobre a pessoa do pobre Rosas, e essa gente deveria influir tambem na opinião; mas, por um estranho phenomeno mysterioso, ou não apparecera tão cedo, ou não era composta de unidades de tanto valor, ou não fazia tanto barulho a catechisar as almas; ou, finalmente, era tida por suspeita;—pelo que o mundo não a acreditava, e continuava a ouvir de preferencia a outra—a que dizia mal.

E todavia, como tambem tantas vezes succede, era a segunda que tinha razão.

Com effeito, a má reputação do Rosas proviera-lhe d'isto: não saber guardar «as conveniencias»,—segundo affirmavam pessoas doudas.

De um genio expansivo e alegre, o Rosas ria, com um humor incomprimivel, de algum ridiculo que via; gostava de fazer o que em linguagem de rapazes se chama: a sua partida; zombava dos homens graves e das meninas dengosas, que dizia serem as creaturas mais insupportaveis e semsaboronas d'este mundo, e cortejava com um bello ar desprevenido e incauto todas as mulheres bonitas que se lhe deparavam.

Alem d'isso, muito amigo de se divertir nas noites serenas do verão ou nas noites tempestuosas de inverno—não tinha preferencias—pelos cafés, pelos theatros, ao clarão das estrellas ou ao clarão dos lustres, em plena praia ou em gabinete particular, com alguns companheiros e uma ou outra companheira, o que o levava em geral a recolher-se quasi á hora em que o pae começava o seu dia.

A mãe, coitada, com a indulgencia ineffavel das mães, perdoava-lhe todas as faltas, e embora magoada no seu coração amoroso quando vinham contar-lhe um novo caso, nunca ralhara ao filho, e era brandamente, com uns tons insinuantes e doces, que procurava mostrar-lhe o caminho, a seu ver errado, que elle seguia.

Mas Rosas respondia-lhe sempre, tambem, com uns tons insinuantes e ternos, que não se assustasse a mamã, nem se magoasse—sabia o que fazia.

E para convencel-a, perguntava-lhe se não cumpria os seus deveres de empregado, se lhe faltava ao respeito e ao amor que lhe devia, se alguém o havia já visto embriagado ou desordeiro;—e como a mãe, entreabrindo um infinito sorriso de perdão, ia successivamente concordando com tudo, os dois separavam-se sempre risonhos e tranquilos, depois do filho lhe ter desfeito as ultimas duvidas com uma onda de beijos—porque era carinhoso, o endemojinhado do Rosas.

Por sua parte o pae, que conhecia bem o que todos chamavam as *loucuras* do filho, apenas uma vez lhe havia feito o que elle chamára o seu sermão maior, e nunca mais se importara com o que d'elle vinham dizer-lhe pretendidos amigos officiosos, cheios de escrupulos e respirando zelos, e bem no intimo até achava graça a muitas das partidas que os animos timoratos vinham contar-lhe indignados ou susceptiveis...

Essas partidas eram em geral do genero d'esta: Dois ou tres dos seus amigos combinavam de pagar os estragos que fizessem na louça e nos petiscos de alguns gallegos que comessem pacatamente n'uma taberna;—incluindo a respectiva gratificação: depois, por meio de um anzol preso a um forte cordel, atiravam-no disfarçadamente á toalha da meza, e zás, puxavam.

Vinham ao chão os pratos, a comida, o vinho; os gallegos praguejavam, queriam esmurrar os *xinotas*, mas algumas moedas de cinco tostões, mostradas a tempo, conciliavam tudo.

Outras vezes elle e os seus carregavam com os taipaes das lojas, á hora em que os caixeiros se preparavam para tapar as montras e fechar a porta, e levavam-n'os para uma escada distante; depois, um d'elles vinha ver e effeito da *scena*, e passada meia hora, por exemplo, mandavam dois gallegos, a quem tinham pago generosamente, entregar os taipaes aos donos, já furiosos...

E taes eram os factos que indignavam as gentes e concitavam contra o Rosas uma tempestade de doestos.

Este era o seu fraco; fazer *dar sorte*, como ainda se diz em linguagem de rapazes.

Uma carta enviada a proposito e marcando uma falsa entrevista n'um ponto distante; um sugeito serio que se via na rua e de quem o Rosas se fingia conhecido, dando-lhe um abraço muito apertado, acabando por pedir desculpa pelo engano,—engano aliás natural, acrescentava—por ser o cavalheiro o retrato vivo do amigo Silvestre de Alverca, que tinha estado no Rio; um fingido duello com sabres de pau pela hora calada da noite e que, quando a policia intervinha, elle explicava ser uma lição de esgrima dada ali por não terem casa capiz, e milhares de casos, de scenas, de armadilhas, de partidas, emfim, segundo o termo, sem o menor intuito de prejudicar ou de perseguir quem quer que fosse, e apenas visando ao fim desejado: fazer rir, eis no que se resumiam as extravagancias que o Rosas preparava ou dirigia...

Ao lado d'estas, porém, que nunca tiveram outro desfecho senão um desfecho comico, que nunca atormentaram ou defraudaram ninguem, e que muitas vezes representavam ao contrario bom fundo generoso e compassivo do Rosas e de um ou outro dos seus companheiros, porque não era raro que elles terminassem a brincadeira por um bom acto despretençioso e valedor, o Rosas contava individualmente, na sua vida, formossissimos testemunhos da limpidez ingenita da sua alma de rapaz, que se tinha defeitos—e tinha-os—eram todavia attenuados por uma bondade de coração, por uma gentileza de caracter que não saberiam negar-lhe os que, dando o devido desconto aos éstos do seu sangue novo, olhassem para a inalteravel brancura da sua consciencia, onde a infamia nunca puzera a mais pequena sombra de macula...

De uma occasião, por exemplo, esse estouvado, esse imprudente, esse discolo, que tantos—os que não o conheciam bem—se compraziam em phantasiar sem coração e sem piedade, saíra para se encontrar com uns amigos, com quem deveria passar toda a tarde.

Era um dia santo. A manhã estava clara e sem nuvens, o sol bordava docemente de pequeninas manchas luminosas e côr de rosa o horisonte que azulecia ao longe, e no ar fresco e saudavel, que bandos de pombos cortavam, n'um vôo audacioso e largo, havia a palpitação suave de uma alegria indizível...; hora deliciosa, hora atrahente, hora destinada para amar e para sorrir, mas não para morrer...

O Rosas ia caminhando ao acaso, mergulhado o olhar na crystallinidade do céu, tão puro, tão puro, que a vista se perdia n'elle; n'isto, ouviu gemidos que saíam de uma casita terrea. Parou e applicou o ouvido. Evidentemente eram gemidos, e ao mesmo tempo alguém chorava.

E esse rapaz, esse elegante, esse doido fez então o que muitos ajuizados não fariam. Empurrando docemente a porta, entrou a meio, e perguntou o que havia.

Em poucas palavras lhe disseram o que podiam. Elle completou o resto. A um canto, n'uma enxerga meio rota, uma pobre velhita expirava. Começava a invadil-a o estertor. O medico tinha estado, e já sem esperanças, dissera que ella não escapava; por descargo de consciencia e dever da profissão, receitara ainda, mas em casa já não havia dinheiro, e o cordial que deveria alliviar os ultimos instantes da moribunda, jazia ali sobre o meza... porque não poderia ser aviado na botica,—que não fiava.

Ao mesmo tempo, o fogareiro estava apagado e via-se que nem a velhita nem a pobre rapariga que lhe era enfermeira, teriam tomado um simples caldo, um pouco de agua quente, ao menos.

Então o Rosas, pegando da bolsa, despejou-a sobre uma cadeira, depois tomou a receita, foi elle mesmo buscal-a á pharmacia proxima; quando voltou ajudou a pobre rapariga a fazer dar o remedio á doente, que já nem dava signal de si, e como a agonia se prolongava, passou ali o dia á cabeceira d'aquella desconhecida, que para elle tinha apenas o titulo sagrado de ser uma desgraçada que morria, talvez da doença, talvez de miseria...

E quando, quasi ao entardecer, a pobresita expirava, foi ainda o Rosas quem piedosamente ajudou a fechar-lhe os olhos, quem foi chamar uma irmã de S. Patricio para ajudar a velar o cadaver, e quem finalmente, no dia immediato, pagando-lhe o enterro, a acompanhou, recolhido e melancolico, até á cova que lhe fizera abrir, para não ir para a valla—a desventurada!

Depois, como a rapariga ficava abandonada e sósinha, pediu á mãe que a tomasse por criada e pagou-lhe elle o luto.

*
*
*

Esta era a outra face da individualidade do Rosas, mas como era a menos conhecida, fallavam só da outra.

D'este mesmo facto houve uma alma piedosa que espalhou que aquillo naturalmente tinha elle feito por ser ou querer ser o amante da rapariga. E encontrou outras almas, tambem piedosas, que acceitaram a hypothese, e concordaram que sim—que tinha sido, ou devia ser isso talvez!

MANUEL THOMAZ

A' EX.^{ma} SR.^a D. GUIOMAR TORREZÃO

I

Não havia ainda caminho de ferro.

la grande azafama no casal do Manuel Thomaz.

A noticia de que o rei, de passagem para a villa de B..., se dignava descançar e pernoitar ali, acabava de chegar.

Os criados varriam apressados o largo pateo lageado, recolhiam medas de lenha, e chegavam para uma das extremidades um grosso tronco de arvore, que tinha no centro uma larga cavidade, onde costumava comer a marran.

O animal grunhia, chamando para junto de si os cinco baco-rinhos, espantados d'aquella balburdia desusada no casal.

As mulheres,—umas sachadeiras que trabalhavam na horta,—abandonaram em meio o serviço do campo, e vieram, apressadamente, limpar as casas, e sobretudo aceiar o quarto grande—o melhor do edificio—o qual tinha uma larga janella de vidraça e porta para a varanda.

A senhora Joanna—a lavradora—ordenava, desordenava, ia e voltava, sempre gritando e ralhando amigavelmente, e deixando reflectir no rosto, expressivamente, a alegria que lhe ia n'alma, ao receber em sua casa o Rei de Portugal.

O velho leito de nogueira, de uma só cabeceira alta, com embutidos de buxo, representando um enorme ramo de flores, foi limpo e tão limpo, que mais parecia um leito novo, do que uma preciosa reliquia de seculos passados. Lençoes de linho—ali nascido, creado e tecido—de uma alvura deslumbrante, appareciam com a extremidade bordada sobreposta n'outra reliquia antiquissima—uma bella colcha de seda, de uma côr indefinida, mas com ricos bordados a matiz, que, se a memoria nos não falha, representavam uma caçada real.

Não era menor a actividade desenvolvida na cosinha. Na larga lareira ardião tres lumes separados, com grossas trempe de ferro sobre as quaes fumegavam tres panellas do mesmo metal, espalhando no ambiente umas exalações appetitosas e tentadoras. E no meio de tudo isto, o Thomaz, meio vestido com o fato domingueiro, correndo d'aqui para ali, em uma celeridade admiravel pela sua nutrição, suando em bica, gesticulando e fallando apressadamente:

—Vá, vá; que não tardam ahil

* *

Effectivamente, deccorridas duas horas, quando o sol desaparecendo na cumeada da serra illuminava a grande frontaria do casal, ouviu-se um tropel de cavallos, e minutos depois apejava-se El-Rei e a comitiva no grande pateo da entrada.

Os criados, trabalhadores e sachadeiras, pittorescamente vestidos com os seus fatos domingueiros, onde sobresahia o vermelho das cintas e das saias, formaram alas até á escadaria, cumprimentando desastradamente os regios visitantes.

El-rei apeiou-se, sorriu-se para aquella boa gente, que, boquiaberta, o olhava espantada, descobriu-se, e guiado pelo Thomaz, subiu ao unico andar da casa.

Não se descreve a confusão dos primeiros momentos da chegada. Que vida! Que animação no casal do Thomaz!

Sua Magestade, pouco habituado áquellas comidas tão portuguezas e tão succulentas, comeu com appetite. Depois, veio sentar-se na varanda e ouviu, pacientemente, uma longa dissertação agronomica feita pelo nosso Thomaz, que em cousas do campo abarrotava de sabio.

Recolheram-se emfim. Era já alta noite quando o socego se restabeleceu por completo. Se alguem dormiu não foi por certo o Thomaz nem a Joanna, que consumiram o resto da noite em uma conversação, em que o som alto das vozes foi substituido por gestos significativos de uma alegria doida.

El-Rei dormiu pouco. Quando a aurora despontou no horisonte, percursora de um formosissimo dia de primavera, El-Rei, sem chamar nem despertar ninguém, levantou-se, vestiu-se e sahiu para a varanda. Extasiou-se perante aquelle esplendido quadro, que tão poucas vezes lhe tinha sido permittido admirar: O sol, levantando-se magestoso do seu leito de purpura, fazia brilhar em mil scintillações as pequeninas gottas de orvalho, dispersas nas verduras das campinas e da horta.

No pateo, a porca acariciava com umas trombadas amorosas os pequenitos leitões, que, grunhindo alegremente, procuravam agarrar-se ás tetas uberrimas e retesadas pela abundancia do leite.

Depois de repetidas vezes beijar os filhitos, a marran deitou-se, e era bonito ver aquelles pequeninos animaes, procurando e disputando entre si o bico que lhes pertencia. O sol, coado pelo arvoredado, vinha reflectir-se no louro das cerdas, doirando a mãe

e os filhos. Era realmente um quadro digno da admiração de qualquer pintor.

El-Rei, imperessionado por aquelle conjunto tão bello, tirou do bolso uma pequena carteira e esboçou em uma das paginas o pateo, a marran, os filhos, etc.

Entretanto, renascia pouco a pouco o movimento da vespera, e uma hora depois havia em todo o casal extraordinario movimento e animação.

Almoçou-se. E, quando o Thomaz insistia para que Sua Magestade tomasse mais uma chavena de leite quente das suas vaccas turinas, este, recordando-se de repente, tirou novamente a carteira, e apresentou-lhe a pagina que tinha desenhado.

E' a minha marran e os baco-rinhos!—gritou logo o Thomaz—O' Joanna, vem cá ver! Até o maceirão não escapou. E apontava o tronco aberto, desenhado em um extremo de segundo plano.

E doidos de alegria, reviam-se ambos admirados, espantados da exacta reproducção do quadro que se via da varanda.

—Viva o bem feito!—disse emfim o nosso lavrador.

A Joanna, essa, nem fallar poude.

El-Rei teve um sorriso de agradecimento pelos expontaneos elogios d'aquella boa gente, e guardou a carteira, dizendo:—Vamos. Disponham a partida.

Uma hora depois, despedia-se El-Rei do Manuel Thomaz e da Joanna, que lacrimavam, como se lhes fossem familia aquelles que se retiravam.

—Adeus, Thomaz! Quando fôres a Lisboa, desejo ver-te no Paço. Lembra-te de que me debes esta visita, e se um dia precisares d'algunha coisa, lembra-te tambem de que El-Rei foi teu hospede.—E dizendo isto, o monarcha montou o seu fogoso cavallo, e partiu seguido da numerosa comitiva.

* *

No domingo seguinte, sabia-se vinte leguas em redondo que o Thomaz, querendo, tinha entrada no Paço, e alcançaria de Sua Magestade tudo quanto pedisse.

D'aqui, uma subida consideravel no valor do Thomaz, que foi para o futuro o primeiro homem d'aquelles sitios.

II

Decorreram mezes.

Victima d'umas febres impertinentes, morreu na villa de X...,—situada a seis kilometros do casal do Manuel Thomaz—o escrivão da camara municipal d'aquelle concelho.

Choveram os pretendentes para preencher a vaga.

Principiava então a monomania pelos empregos publicos. Cada qual fazia valer os seus direitos e os seus merecimentos. Uns, alegavam serviços prestados em galopinagem na ultima campanha eleitoral; outros acompanhavam o seu requerimento de valiosas cartas de empenho, e alguns houve, finalmente, que chegaram a offerecer umas geiras de terra, a quem alcançasse a nomeação. Um, porém, mais esperto que todos os outros, montou no seu gerico e foi direito á propriedade do Thomaz.

* *

—Muito bem vindo por esta sua casa, sr. Peixoto, muito bem vindo! Então que é feito?—e logo para a Joanna:—Traze vinho e alguma cousa que se coma, ó mulher de Deus!—E com esta affabilidade, tão natural na nossa gente do campo, o Thomaz conduzia para o interior da casa o pretendente ao emprego do fallecido.

Feitas as primeiras libações com a indispensavel phrase:—A' sua saude!—e—Para que viva!—o Peixoto entrou no assumpto:

—Amigo Thomaz. Você tem que ir a Lisboa.

—Eu!—disse logo o Thomaz, admirado.—E porque?

—Oíça, e veja se, para me obsequiar, tem ou não que acompanhar-me: O Luiz da Cunha, o escrivão da camara...

—Bem sei,—interrompeu o Thomaz.

—Morreu...—

—E' verdade, coitado!—tornou o Thomaz.—

—Morrendo,—continuou o Peixoto—deixou vago o logar de escrivão, e eu desejo substituil-o n'aquelle emprego; você sabe que tenho conhecimentos e habilitações para desempenhar aquelle cargo...

—Lá isso tem; mas o que eu não comprehendo é o que você quer que eu vá fazer a Lisboa, lá porque morreu o Cunha e você pretende o logar d'elle.—

E dizendo isto, Thomaz flectava no seu interlocutor um olhar apalermado.

—Deixe-me continuar, e verá.—E o Peixoto lembrou a visita do rei, os offerecimentos feitos, a importancia adquirida pelo Thomaz e a facilidade que havia no despacho, entregando elle pessoalmente a S. Magestade um memorial. Historiou a sua vida, citou factos tristes, conhecidos de Thomaz, indicou transtornos futuros, a miseria e a fome em perspectiva. Emfim, que d'elle, Thomaz, dependia a sua vida, e que só se retiraria d'ali ouvindo o



DUQUE D'AVILA E DE BOLAMA

consentimento de que na semana seguinte embarcariam ambos no Tejo em direcção a Lisboa.—e levantando-se:—Na crise actual só o senhor pôde evitar que os meus filhos morram á fome...

—Pois sim, homem, mas... eu digo que o Rei já me não conhece, nem se lembra de mim, homem! Eu... lá por lá ir... emfim... não haveria duvida maior; mas olhe que são dias perdidos—respondeu o Thomaz, já commovido com a historia do Peixoto.

Novo ataque da parte d'estes e o Thomaz concluiu:—que sim, que iria levar o «memorial» ao Rei.

Combinaram a partida para trez dias depois, e decorridos elles, o Manuel Thomaz e o Peixoto partiram para o Tejo e embarcaram para Lisboa.

* *

Depois de estarem na capital um ou dois dias, houve audiencia regia, e o Peixoto acompanhou em um trem o Manuel Thomaz, que, muito comprometido dentro de uma casaca nova, não sabia como mexer-se. Preenchidas as formalidades do estylo, o lavrador foi annuciado a Sua Magestade.

Reconhecido immediatamente por el-rei, foi por este posta de parte toda a etiqueta, e o Thomaz foi recebido com uma cordialidade, poucas vezes repetida.

—Que desejas, Thomaz? Grande novidade! Tu em Lisboa?—interrogou el-rei.

—E' verdade, senhor! Saberá Vossa Magestade que um homem lá da nossa terra, me fez cá vir, só para entregar nas mãos de Vossa Magestade este papel, que elle diz ser «memoral» ou coisa parecida. Eu, para palavras arrevesadas, nunca tive geito. O que elle quer é ser empregado na camara, para dar de comer á mulher e aos filhos, e está tudo dito.—E depoz nas mãos de el-rei o memorial, ficando assim como admirado de tão depressa ter dito o que desejava.

El-rei sorriu-se, correu ligeiramente o olhar sobre a copia do requerimento feito á camara municipal, para o concurso, e respondeu:

—Pois foi preciso subir tão alto? Está bem! Serão expedidos officios protegendo o teu afillado; conta com a nomeação. Estás satisfeito? O nosso lavrador caiu de joelhos diante do Soberano—que o levantou pressuroso— e articulou uns sons, que ninguem percebeu, mas que, naturalmente, eram a manifestação do seu reconhecimento.

Bem,—continuou el-rei— hoje jantas no Paço, e depois farte-hei uma surpresa que te ha de ser summamente agradável.

Jantou com Sua Magestade o nosso Thomaz. Sem etiquetas nem ceremonias, comeu, e comeu bem. Leviamos muito tempo a descrever scenas, que o leitor presume, e que provocaram sorrisos e até gargalhadas abafadas, dos que assistiam a este jantar. Imagine-as o leitor e decerto rirá com vontade, sem que nós as descrevamos.

Findo o jantar, El-Rei conduziu o Manuel Thomaz á sua galeria de quadros, e indicando-lhe uma grande tela com moldura dourada, disse-lhe:

—Conheces?

O Manuel Thomaz abriu desmesuradamente os olhos, e disse, já com dificuldade:

—E' a minha casa e a minha marran!...

—E' a copia do que viste na carteira. Pinteio eu. E' teu! Offereço-t'ol—concluiu Sua Magestade.

De repente, o Thomaz, rodando sobre si mesmo, cahiu desastrosamente sobre o tapete. Tinha-lhe dado uma congestão cerebral.

* *

Dias depois, á mesma hora em que, no *Diario do Governo*, era publicado o alvará da camara municipal do concelho de X..., nomeando para escrivão o Peixoto, um pequeno barco, armado em camara ardente, conduzia para a terra da sua naturalidade o cadaver do Manuel Thomaz.

Portalegre, 1887.

FREDERICO PORTO.

A PAU

O tio Fortunato era um lavrador remediado, possuidor de uma rasoavel porção de geiras de terra, cuja cultura e amanho absorviam inteiramente a sua laboriosa actividade.

Verdadeiro camponez, rude e vigoroso, o tio Fortunato mourejava sem descanso desde o romper do dia, exforçando-se, com uma tenacidade inquebrantavel, por dotar a sua pequena lavoura com todos os accrescentamentos que o seu genio emprehendedor e a sua larga experiencia rotineira lhe suggeriam.

Para elle a vida resumia-se na cultura das suas terras. No

seu coração não existia um affecto que não fosse consagrado ás generosas glebas, que revolvía com o ferro da sua enxada e regava com o suor do seu rosto. A sua paixão exclusiva consistia em augmentar e arredondar as propriedades que já possuía, adquirindo com as suas economias pequenos tratos de terrenos convi-sinhos.

D'este modo o tio Fortunato vivia feliz. Apenas o atormentava em certas occasiões a idéa de que, talvez, um dia, quando elle morresse, aquellas leiras uberrimas, cobertas de verdejantes pastos, plantadas de oliveiras verde-negras e de virentes pampanos vergados, pela época das vindimas, ao peso dos cachos maduros;—tudo isso, que era a sua obra e o seu orgulho, o fructo de uma vida inteira da mais incessante labuta e da mais severa economia, seria, depois da sua morte, vendido, retalhado, aniquilado, talvez!

Era por isso que o tio Fortunato pensava muitas vezes em casar a filha—a unica filha que tinha do seu matrimonio—com um agricultor como elle, que continuasse no amanho das terras, e não deixasse vender nem desbaratar o que tanto lhe custara a elle a adquirir.

Precisamente o Joaquim Henriques, filho de um abastado proprietario dos arredores, parecia-lhe reunir em si todos os requisitos que elle podia exigir no genro que ambicionava. O rapaz era um dos que mais embeçados se mostravam pelos encantos da formosa Joanninha, e esta circumstancia favorecia admiravelmente os designios do nosso homem.

O amor, porém, que já se alapardara subrepticamente no coração da rapariga, encarnado no magrizzella do mestre-escola—um bonifrate de aldeia, todo empompadado e cheio de umas grandes pretensões ridiculas—devia forçosamente ser um obstaculo serio á realisação d'esses designios.

Não obstante o tio Fortunato, quando soube do caso, nem por isso se mostrou muito contrariado. Elle contava com a sua auctoridade paternal para dissuadir a pequena de semelhante asneira, e convenceu-a de que o unico noivo que lhe podia convir era o Joaquim Henriques, o qual, alem de abastado, sabia da lavoura, e mostrava com verdadeiro orgulho as mãos callejadas pelo cabo da enxada, e pela rabiça do arado.

Inteiramente refractario a quaesquer sentimentos affectuosos, que alcunhava de *pieguices*, o character imperioso e dominador do tio Fortunato exercia-se no seio da familia de uma forma absoluta e despotica. Perante a sua vontade energica, a mulher, a filha, os creados da lavoura, todos, emfim, que de algum modo lhe estavam subordinados, se curvavam submissos, sem se atreverem a protestar, sem nutrirem a velleidade de se insurgir contra as ordens recebidas.

Sabia, portanto, o Fortunato que sua filha havia de casar com quem elle muito bem quizesse; mas, reconhecendo que seria preferivel levar-a *pelas boas*, resolveu-se a trazer á tela da discussão o assumpto, atim de inquirir das disposições da rapariga.

—Anda cá, Joanna—disse elle um dia para a filha—tu já estás uma rapariga casadoura, e portanto debes tratar de arranjar marido, e que não te será difficil, visto seres uma guapa mocetona. Mas o marido que te convém não é decerto um peralvilho de mãos finas e brancas e bigodes retorcidos. A quem tu te debes ligar é a um homem cá da nossa egualha, um trabalhador honesto e laborioso e que aveze alguma chelpa, como é, por exemplo, o Joaquim Henriques. Esse, sim, que é um rapaz ás direitas...

—Mas, meu pael... atreveu-se a observar timidamente a rapariga.

—Qual *mas*, nem meio *mas*!... Tens talvez alguma cousa que lhe dizer, hein? Vocês, as mulheres, são quasi todas assim: preferem sempre o peor. O Joaquim Henriques é verdade que não andou nos estudos, não aprendeu a ler nem a escrever, mas foi creado no trabalho, e sabe guiar uma charrua, podar uma vinha e manejar nas eiras um mangoal. E' um rapaz ás direitas, repito. Valente como um pau de zambujeiro e sabendo da sua profissão como poucos.

—Mas se o Joaquim Henriques não agradar á nossa filha?—ponderou a mulher do Fortunato.

—Cala-te pr'ahi, mulher!—respondeu-lhe elle, com um olhar furibundo. Que diabo! A rapariga tem lingua, e pode dispensar bem que tu respondas em seu lugar. O Joaquim Henriques convem-lhe, e tanto assim que ella não diz que não... Não é verdade, Joanna?

A pobre pequena ficou silenciosa, com a cabeça pendida sobre o peito, para occultar as lagrimas que lhe marejavam os formosos olhos.

Foi ainda a mãe que respondeu por ella.

—Não diz que não, é verdade, mas tambem parece-me que ainda não disse que sim!...

—Pois faz mal, e a culpada és tu, bradou indignado o Fortunato. Se não fossem as lérias que lhe tens mettido no toutiço, já não succedia assim... Mas isso, tambem, pouco me rala... Ella ha-de casar com quem eu entender, e quanto a um certo bonifrate que eu cá sei, esse, se continuar a arrastar-lhe a aza, eu me encarregarei de lhe applicar uma boa fricção de marmelleiro, que é remedio infallivel contra paixões.

E sem esperar que lhe retorquisses, o tio Fortunato abriu



A OFFERENDA DA VIUVA

(QUADRO DE E DUBUFE)

violentemente a porta e sahiu para os campos, enquanto a Joanninha, profundamente attribulada, dava largas ao pranto que a suffocava.

Ella conhecia de sobejo o caracter de seu pae. Sabia que lhe seria impossivel resistir á sua vontade despotica. Entretanto, como o Joaquim Henriques lhe repugnava profundamente, como se sentisse inteiramente avessa á nativa brutalidade do troncho e espadaúdo pretendente que seu pae lhe inculcava, a Joanninha chamou a si toda a sua energia, e dispoz-se a resistir, custasse o que custasse. O amor ardente que consagrava ao pobre do mestre-escola dava-lhe forças e coragem, e se

Aos negros, duros pezares,
Não resiste um peito fraco
Se amor o não fortalece,

quando a flor sentimental de um affecto puro e sincero lança rai-
zes n'um coração impressionavel, o animo fortalece-se, e predis-
põe-se para todas as luctas, cheio de uma grande abnegação he-
roica.

Foi o que succedeu á nossa Joanninha.

As circumspectas ponderações paternaes não acharam echo em seu coração, que continuou a permanecer fiel ao amor fremente que d'elle se apossara. E com a voz repassada de lagrimas de ternura, a pobre pequena jurou ao seu apaixonado galan que ainda que seu pae se convertesse em seu algoz, ella preferiria fazer o sacrificio da sua vida a consentir no casamento que lhe queriam impôr.

O mestre-escola, sem pensar sequer no grave risco a que expunha a sua região lombar, acolheu com entusiasmo os protestos da sua amada e correspondeu-lhe com eguaes protes-
tos. E n'um longo dialogo digno de Romeu e Julieta, pela ca-
lada de uma noite estival que o luar illuminava de clarões lac-
teos, os dois namorados, na louca effusão do sentimento que lhes transbordava do peito, repetiram mil vezes as suas juras de um amor eterno.

Estas entrevistas clandestinas succederam-se durante algum tempo sem novidade, graças ás precauções de que eram rodeadas. Entretanto, o tio Fortunato ia negociando, muito solícito, os preliminares do auspicioso consorcio que premeditava para sua filha; e como esta, violentando os seus sentimentos, acolhesse agora, de um modo aparentemente mais favoravel, o noivo que seu pae lhe destinava, elle chegou a convencer-se de que a rapariga se resolvera enfim a dar de mão ao desventurado mestre-escola.

Isto, porém, não passava de um astucioso estratagem a que ella se soccorrera para desviar suspeitas. O plano dos dois amantes estava feito. Se o tio Januario insistisse em immolar a formosa Joanninha ao amor brutal do Joaquim Henriques, fugiriam ambos para longe, e, como o honrado lavrador não quereria certamente a deshonra da filha, era de esperar que mais tarde ou mais cedo consentisse no casamento.

Como vêem, o plano era de uma simplicidade adoravel; porém a fatalidade, encarnada nas pessoas de uns visinhos lamba-
reiros, veio inesperadamente transtornal-o.

Informado minuciosamente do que se passava, o Fortunato soffreu a custo a furibunda indignação que o assaltou, e poz se á espreita de occasião azada para tirar desforra condigna do ludibrio de que estava sendo victima.

Entretanto os dois amantes, «n'aquelle engano d'alma ledo e cego que a fortuna não deixa durar muito», continuavam nas suas bucolicas entrevistas á *la belle étoile*, sem se aperceberem da tempestade que se condensava ameaçadora sobre as suas cabeças desvairadas pelo amor.

Uma noite, o Fortunato ergueu-se do leito conjugal, e, pretextando a necessidade de ir vigiar as suas fazendas, pois suspeitava que todas as noites lhe roubavam alguns cachos das uveiras, vestiu-se e sahiu de casa, levando consigo um formidavel páu ferrado, de extraordinaria grossura.

A noite estava serena e bella. No céu, de um azul profundo, tremeluziam placidamente as estrellas. A viração balouçava n'um sussurro cadenciado as folhas do arvoredo, que mal se destacava, em manchas escuras, na tenuissima claridade atmospherica.

Com as mãos entrelaçadas, as respirações offegantes, e os corações no mais elevado grau de calentura amorosa, os nossos dois namorados entretinham-se em permutar as confidencias do seu affecto, architectando um delicioso porvir de rissonhas alegrias. Subitamente, detraz de uma pequena moita de alamos e mimosas, destaca-se um vulto ameaçador, com as largas abas do chapéu derrubado sobre os olhos, e um formidavel cacete erguido no ar ás mãos ambas. Ouve-se uma voz cavernosa rugir estas palavras sinistras:—Espera que eu já te ensino, grande malandrol—e ao mesmo tempo uma formidavel arrojada, colhendo de hombro a hombro o apaixonado galan d'aquella *Dulcinéa* campestina, arrancava-lhe das costellas, que amolgava, um som profundamente lugubre.

A primeira paulada, a que respondeu um ai de dôr, foi logo seguida de mais trez ou quatro. Depois o tio Fortunato, dando-se por satisfeito ao ver estendida no chão a misera victima da sua furiosa arremetida, foi em seguimento da filha que, sem dizer

palavra, fugia a bom fugira pelos campos fóra, n'uma correria ligeira de gazella perseguida.

* * *

Quinze dias depois celebrava-se com toda a pompa o casamento da Joanninha com o Joaquim Henriques. A logica inflexivel do varapau, que no fim de tudo tem argumentos irrespondiveis, surtira o effeito desejado.

Emquanto o abbade pronunciava solemnemente o sacramental «conjugio vobis», o noivo sorria triumphante para todos que o cercavam, e o Fortunato nadava n'um lago de ventura... e de suor. Só a noiva, com o olhar triste e amortecido, e as rosas das faces desbotadas, parecia não compartilhar da viva effusão de alegria que a todos dominava.

Finda a cerimonia religiosa, e depois de assignado o competente auto, os noivos, seguidos pelos convidados, desceram pelo corpo da egreja, mas, ao atravessarem o adro, depararam com um modesto cortejo funebre perante o qual todos se descobriram respeitosaes.

Os olhos da Joanninha inundaram-se então de lagrimas, as faces tornaram-se lhe ainda mais pallidas, as pernas vergaram-lhe sob o peso do corpo, e só por um supremo esforço de energia ella pôde resistir á enorme commoção que sentiu quando o seu veio de noiva e o seu vestido nupcial roçaram pelo esquite mortuario.

E' que ella bem sabia que o morto que alli iam a enterrar era o seu amante, era o desgraçado mestre-escola que, debilitado pelos constantes jejuns a que a sua profissão o submettia, não tivera forças para resistir á monumental tarefa que o Fortunato tão despiadosamente lhe applicára n'aquella noite fatal!

MAGALHÃES FONSECA.

FOLHAS SECCAS

Outono. A uma e uma vão
Cahindo as folhas gondoladas
Das grandes arvores doiradas...
Sem ruido acamam-se no chão.

Vindimas feitas. A lavoira.
Descança agora... Rompe o luar,
O poente acaba devagar
N'uma tristeza esparsa e loira.

Em grande bando, aventureiras,
Voam as aves da saudade
P'ra um paiz de claridade,
De sonho, e languidas palmeiras.

Noite talvez chuvosa... O vento,
As folhas seccas em remoinho
Leva-as á doida, em torvelinho,
N'um melancolico lamento.

Vendo-as assim, abandonadas
N'aza do vento em paroxismo,
Inuteis, funebres... eu scismo
Nas pobres almas desprezadas!

Mangualde, 1887.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOÃO DE CARVALHO RIBEIRO VIANNA

Acaba de reformar-se no posto de contra-almirante este illustre official da nossa marinha. Terminou pois a sua carreira mi

litar e poucos a terão tido tão brilhante, tão constellada de serviços ao paiz.

João de Carvalho Ribeiro Vianna alistou-se, como aspirante a guarda-marinha, em 9 de dezembro de 1842, tendo 11 annos de idade, e alcançou as dragonas de official em 23 de outubro de 1849.

O primeiro navio em que embarcou foi o vapor *D. Luiz*. Em seguida foi ao Brazil na corveta *D. João*, e da America passou á Asia, por causa da febre amarella, praticando n'esta viagem muitos actos de valor e de abnegação.

Em Macau, onde aportou a corveta, foi o guarda-marinha Vianna encarregado de commandar uma lancha armada em guerra, que sahio d'ali para *Tai hó*, a fim de perseguir os piratas da costa da China e proteger o navio mercante inglez, *Good Success*, que estava abandonado e saqueado em parte da sua carga. No dia 15 de outubro de 1850, tomou parte no combate contra um grande *Taumão* de piratas, o qual ficou prisioneiro, depois d'algumas horas de fogo.

Emquanto a corveta esteve em Macau, foi o illustre official encarregado de varias commissões de serviço, que desempenhou dignamente.

De Macau partio para Singapura, Gôa, Malaca, Moçambique, Benguella e Loanda. Ao chegar a este ultimo porto foi intimado a ficar ali, onde se conservou até receber ordem de transferencia para bordo da corveta *Oito de Julho*.

Ao apresentar-se na tolda d'esta corveta, mandou formar o destacamento do batalhão naval, para serem cumpridas as disposições regulamentares no içar da bandeira, ás 8 horas.

Ignorando, porém, o estado anarchico em que tudo se achava a bordo, viu ser a sua determinação recebida pelos soldados com o bater das coronhas das armas e com signaes de zombaria. Surprehendido com um tal estado de cousas, desembainhou a espada que tinha no cinto e apontou-a para o que lhe estava mais proximo, dizendo: «Chega para a fôrma: o primeiro que se ri mette-lhe esta espada até aos copos!»

Felizmente para o guarda-marinha, ainda d'essa vez foi confirmado o «audaces fortuna juvat!»

Foi trabalhosa a viagem da corveta com escala por S. Thomé e pelo Principe, por muito contrariada por ventos escassos e falta de mantimentos. Sobre o guarda-marinha Ribeiro Vianna pesava grande responsabilidade, attento os serviços de pilotagem e de outra ordem que lhe estavam sendo encargo. Ao chegar a Lisboa, um pouco arruinado de saude, foi-lhe compensação o bem que d'elle informou vocalmente o seu commandante, então barão de Lagarim, major general da armada, que o mandou ir á sua presença para lhe dizer palavras de consideração e de agrado, cousa de alguma valia n'esse tempo.

Passou, em Lisboa, a servir o logar de secretario do corpo de marinheiros aquartellado a bordo da fragata «D. Fernando», e mais tarde, no edificio em Alcantara. Estado n'essa commissão foi instado e proposto para exercer as funcções de ajudante do chefe do estado maior da marinha, encargo bastante espinhoso.

Retirado assim do viver maritimo, diligenciou ser prestavel no serviço das secretarias, o que conseguiu. Algum tempo depois foi nomeado ajudante da maioria general da armada. Durante o tempo que esteve exercendo estes cargos, foi nomeado para embarcar na corveta *Bartholomeu Dias*, seguindo para Anvers e Ostende na honrosa commissão de conduzir a Lisboa a rainha D. Estephania. Também lhe coube a distincção de ser nomeado para a referida corveta na viagem que fez a Genova para receber a actual rainha, a senhora D. Maria Pia, exercendo o sr. Ribeiro Vianna, de facto, a bordo, as funcções inherentes aos tres logares de chefe do estado-maior, de ajudante e de secretario do almirante de força naval, composta de tres corvetas.

Os serviços que este official prestou fôram, pelo referido almirante, considerados, dizendo-se em informação escripta sobre um requerimento de renuncia de condecoração concedida, «que haviam sido importantes, e que desejava de fazer-se acompanhar do mesmo official no caso de ser chamado a desempenhar-se d'outra commissão igualmente honrosa.»

Ao chegarem a Gibraltar as forças navaes—portugueza e italiana—recebeu o duque de Loulé, que ia a bordo da *Bartholomeu Dias*, um telegramma de El-Rei D. Luiz, mostrando desejo de que sua esposa entrasse em Lisboa a uma certa hora do indicado dia. Mas precisando metter carvão, para continuarem na viagem, as fragatas italianas, sob o commando do almirante Albini, escreveu o nobre duque a resposta, ponderando as difficuldades em que se encontrava. Então, o official Ribeiro Vianna promptificou-se a solicitar do almirante Albini toda a actividade possivel no recebimento do combustivel, fazendo-se acompanhar de dois telegrammas para ser transmittido o que fosse compativel com o resultado obtido. Achava-se junto do illustre fidalgo o talentoso medico, e seu particular amigo, o conselheiro Magalhães Coutinho, a quem foi decerto agradavel o alvitre proposto. Em conclusão, decorrida uma parte da noite, recolheu o official commissionedo a bordo da *Bartholomeu Dias*, depois de haver feito entrega, a um capitão de navio mercante inglez, do telegramma annunciando a partida da esquadra, que devia ser transmittido logo de manhã cedo. Também coube de outra vez o ser nomeado

Ribeiro Vianna, para embarcar no vapor *Mindello*, na qualidade de ajudante do almirante que commandava a força naval, composta d'este navio e de duas corvetas, e que foi conduzir a Vigo Suas Magestades.

Por occasião da guerra da separação da America, achando-se no Tejo o couraçado *Stonwall* e as fragatas *Niagara* e *Sacramento*, recebeu-se *casus belli* nas aguas do Tejo.

Para bordo da *Sagres* foi o official Ribeiro Vianna, ás ordens do commandante geral da armada, sendo este navio e o *Mindello*, sob o commando do actual director geral de marinha, encarregado de vigiar o movimento dos belligerantes. Foi o couraçado compellido a sahir em praso determinado do porto de Lisboa, indo a bordo intimar-lhe a respectiva ordem os srs. Caetano d'Albuquerque e Ribeiro Vianna. Deram-se graves occurrencias, fazendo fogo a torre de Belem e sendo tudo relatado pelo commandante superior da força de vigilancia, para conselho de ministros em reunião n'esse dia, servindo de secretario o segundo dos mencionados officiaes, que tambem esteve presente á sessão do conselho.

Pela promulgação d'uma lei reorganica dos serviços do arsenal, recebeu o referido official nomeação para exercer o logar de ajudante do intendente da marinha de Lisboa.

Por effeito da publicação d'uma nova lei organica para o arsenal da marinha, foi o official Ribeiro Vianna instado pelo ministro Rebello da Silva para aceitar o logar de secretario da Superintendencia, tomando assim valiosa parte nas responsabilidades sempre resultantes de interesses feridos. Pela sua promoção ao posto de capitão-tenente, teve de deixar o arsenal, sendo louvado, e recebendo provas de elevada consideração do seu chefe, sr. Andrade Pinto.

Mais tarde, foi nomeado chefe da 1.ª direcção do arsenal, sendo notorios e ainda por alguns lembrados os serviços que prestou n'este cargo.

Pedindo a sua exoneração d'este logar, foi pouco tempo depois nomeado para o de vice-commandante da companhia dos guardas-marinhas, sendo d'elle exonerado pelo facto de promoção ao posto de capitão de mar e guerra.

Em outras commissões serviu, taes como a de reorganisação de serviços de marinha, no tempo do ministro Amaral; na de defeza de Lisboa e portos do reino, de que publicou um estudo na *Revista Militar*; na de estabelecer instrucções para medição de tonellagem pelas capitancias dos portos, etc.

Em virtude de applicação de lei, foi successivamente promovido aos postos—de segundo tenente em 1852; de primeiro tenente em 1862; de capitão tenente em 1871; de capitão de fragata em 1877, e de capitão de mar e guerra em 1884.

Teem-lhe sido conferidas as seguintes condecorações:

Cavalleiro de Christo, da Conceição, de Aviz, da Torre e Espada e de Carlos III de Hespanha. Official de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia. Commendador da ordem militar de S. Bento de Aviz.

Applicou o seu tempo, fóra das horas do serviço official, a escrever tres livros, que correm impressos com os seguintes titulos:

Recordações Historico-Maritimas

Folhetins de um Marinheiro

Na Terra e no Mar

O que elles valem dizem os artigos de critica insertos em diversos jornaes, e o dictionario bibliographico de Innocencio, no tomo ultimamente publicado por Brito Aranha.

Na *Illustração militar hespanhola*, numero publicado por occasião da visita a Madrid do sr. D. Luiz I, foi o nome d'este auctor citado honrosamente.

Tem escripto tambem em muitos jornaes do paiz, preferindo aos artigos politicos,—pouco do seu agrado—os noticiosos, os de administração economica e os litterarios e scientificos. Dos seus collegas recebeu sempre provas d'estima. Nas questões profissionais não deixou nunca de comparecer na arena, respeitando sempre a boa camaradagem e pugnando pelos interesses da corporação.

DUQUE D'AVILA E DE BOLAMA

Este illustre estadista, fallecido ha pouco mais de seis annos, nascera na villa da Horta, ilha do Fayal, a 8 de março de 1806, e era filho de paes modestissimos.

No anno de 1822, o sr. Antonio José de Avila,—assim se chamava o que depois havia de ser grande do reino—entrou para a Universidade de Coimbra, onde cursou a faculdade de philosophia até ao quarto anno, sendo pouco tempo depois nomeado professor de ideologia na sua terra natal.



(1)

MODAS

(2)

Tendo sabido conquistar importantes adhesões e sympathias entre os seus conterraneos, foi em 1831 eleito presidente da primeira camara liberal que teve o concelho da Horta, tornando-se então notavel pela representação que dirigiu á rainha, e na qual ficaram consignadas as reformas que as necessidades da epocha urgentemente reclamavam.

No anno seguinte, D. Pedro entrava no Fayal e travava conhecimento com Antonio José de Avila, a quem desde logo testemunhou a sympathia que o moço Avila lhe inspirára. N'esse mesmo anno era o nosso biographado nomeado provedor do concelho da Horta, e no anno seguinte sub-prefeito da ilha de S. Miguel, onde não pôde desembarcar pelo estado de agitação em que se achava a ilha, seguindo viagem para o Porto, onde se apresentou ao duque de Bragança. Como, porém, a villa da Horta fosse por sua iniciativa elevada á honra de cidade, o sr. Avila foi ali desempenhar o cargo de sub-prefeito, prestando os mais importantes serviços.

Em 1834 entrou pela primeira vez na camara electiva, como representante dos Açores, e durante vinte e seis annos consecutivos teve uma cadeira em S. Bento, sendo eleito pelo Alemtejo em 1838; por Evora e Horta em 1840; por Evora, Beja, Horta e Feira em 1841; pela Horta em 1842; pela provincia da Estremadura em 1847; pela provincia da Beira Alta em 1848; pela mesma provincia em 1851; por Beja e Chaves em 1853; por Villa Real e Beja em 1856, 1857 e 1859; e por Oliveira de Azemeis em 1860. Em 17 de março de 1861 foi nomeado par do reino.

Em 1841 entrara pela primeira vez no ministerio, sendo encarregado da pasta da fazenda; e fôra posteriormente nomeado por varias vezes ministro da fazenda, da justiça e dos estrangeiros, até que pela primeira vez foi nomeado presidente do conselho de ministros em 1868.

Desde então, o sr. Antonio José de Avila, que em 1864 havia sido agraciado com o titulo de conde de Avila, e que em 1870 havia sido elevado á cathogoria de marquez de Avila e Bolama, como recompensa dos serviços prestados a Portugal na reivindicção da posse da ilha de Bolama, que a Inglaterra nos disputava, desde então, diziamos, o illustre homem d'estado não deixou de figurar nos acontecimentos da nossa vida politica até 1877, em que pela ultima vez foi nomeado presidente do conselho de ministros, ministro do reino e dos negocios estrangeiros. Em 14 de março de 1878 foi elevado á cathogoria de duque pelo ministerio regenerador.

Quatro vezes representou o paiz em congressos estrangeiros. Nos de estatistica, de Bruxellas, de Paris, e de Berlim de 1853, 1855 e 1863, e no da unificação da moeda em 1857, onde occupou logar saliente, notado com louvor por altas capacidades estrangeiras.

Em 1865 foi nomeado ministro plenipotenciario de Portugal junto á côrte de Izabel II, e em 1868 junto á côrte de Napoleão III. Em 1861 fôra elevado ao pariato, como já dissemos, sendo mais tarde eleito presidente da camara dos dignos pares, logar que occupava quando morreu.

O sr. duque d'Avila possuia todas ou quasi todas as condecorações conhecidas, tanto nacionaes como estrangeiras. Era esse o seu fraco. Adorava as veneras, sem que d'ellas precisasse para se tornar notavel, como foi.

A' data da sua morte era conselheiro de estado effectivo, presidente do supremo tribunal administrativo, governador da companhia geral de credito predial portuguez e director da companhia das Lezirias. Era tambem socio da Academia Real das Sciencias, sendo por muito tempo vice-presidente da mesma Academia.

A OFFERENDA DA VIUVA POBRE

Quadro de E. Dubufe

No quadro cuja copia damos em brinde, o pintor francez, E. Dubufe, representou, com um vivo sentimento do assumpto, o conhecido episodio da viuva pobre, que o evangelista S. Marcos nos descreve pela forma seguinte: «E estando Jesus assentado diante da arca das offerendas, observava como o povo ali deitava dinheiro e os ricos deitavam muito. Uma pobre viuva veio e deitou um maravedi. Então Jesus, chamando os seus discipulos, disse-lhes: «Em verdade vos digo que esta pobre viuva deitou mais que todos os outros, porque elles deitaram o que lhes sobra, e ella deitou todo o sustento que tinha.»

Como composição, desenho e colorido, o quadro de Dubufe foi classificado pelos criticos como uma das melhores obras que a pintura contemporanea produziu no genero mystico, hoje pouco cultivado.

...ODAS

N.º 1—PARDESSUS de ottomane preta, guarnecido de uma banda de moire adiante e em toda a roda. Esta banda, *double* na

frente, vae assim até á cintura, continuando d'ali simples, em volta do *pardessus*. Atraz, franja marabuto; bordados na parte inferior das mangas, e enfeites de vidrilhos nos hombros, em pingentes compridos. Collarinho afogado, á militar, de moire.

Completa a *toilette* um chapéu de palha, tenho as abas debruadas de velludo, e enfeitado na frente com um pennacho de pennas d'abestruz, apoiado sobre uma ave de phantasia.

N.º 2—MANTEAU em pekín de seda, de mangas soltas, guarnecido adiante e na parte inferior das mangas por um vize de pekín egual ao do *manteau*.

Franja de dois renques de contas grandes atraz e na parte inferior dos pannos da frente, cahindo sobre a saia. Collarinho voltado. Abotoadura direita.

Capota de palha preta, ponteaguda na frente, encimada d'um pennacho de pennas d'abestruz.

O TUNEL DO MONTE-CENIS

A nossa estampa de hoje representa o maior empreendimento dos tempos modernos.

O tunel do Monte-Cenis, feito para ligar a França á Italia, é a prova mais completa do que póde fazer a sciencia alliada á vontade.

A grande montanha mede na base 15 kilometros e na maior altura 3:500 metros.

Os mais afamados engenheiros inglezes duvidaram do exito d'esta obra colossal, e foi necessario a maior perseverança e coragem para lutar com a completa descrença de alguns e com a duvida de todos.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas novissimas

Ao distincto charadista albicastrense (ORCUL)

Ha uma divindade e um animal que formam uma embarcação—1—2,

Em Gôa vé a interjeição para embarcar—1—1—1.

Tem piedade a imaginação d'um adverbio—7—2.

E' immenso um pronome por ser mythologico—1—1.

Adverbio e verbo que formam uma villa—2—1.

Na ave e em Macau, o amarello é villa—2—1—1.

Em Monsanto tem força uma villa—1—2.

Corre, luz e é uma flôr—2—1.

Brame a musica no taco porque é animal—1—1—1.

Covilhã.

ANTONIO R. BRANCAL.

Charada em verso

(Ao Pequeno Antoninho)

Ora, cá 'stou eu
Na linda Vizeu.
E trago commigo,
Uma charadinha
Simple, catinha
Para o meu amigo.

N'um velho telhado
Bastante elevado,
Dois lindos bichinhos
Iam passeiando,
Por vezes soltando
Ternos miausinhos.—1

N'isto, p'la calada,
D'uma agua-furtada
Um rival saltou;
E em col'ra espumante,
Co'o feliz amante
Logo questionou.

Mis, o accommettido
Vendo-se offendido,
Co'o caso se escama,
E em mias irosos,
Fitando amorosos
Olhares na dama,—1

Se atira ao rival
Perto do beiral.
Este, que é mais baixo,
Foge n'um instante.
Indo o pobre amante
Do telhado a baixo!

Ficando sósinho
O feliz gatinho,
Com celeridade
Raptou o ente amado
P'ra outro telhado
Da mesma cidade.

MATHEUS JUNIOR.

Pergunta enigmatica

Digam:—Qual é a palavra
Que ao mudar d'accentuação,
Pode ser verbo, cidade
E tambem preposição?—

Enigma

Quatro letras tem o todo,
Tambem sete podem ser:
Segunda e quarta—consoantes,
Bem differentes, podem crér.

As restantes, meus leitores,
São todas, todas vogaes.
São irmãs primeira e sexta,
E as restantes são eguaes.

No palacio entrou agora
Sua Alteza Dom Conceito;
Chega d'um lago africano
D'onde vem mui satisfeito.

A. R. BRANCAL.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: — Amador—Tangara—Amansa—
Salpa—Hastado—Grapa—Zimborio.

DA CHARADA EM VERSO: — Camboeira.

DA CARTA ENIGMATICA: — Francisco Alves da Silva Taborda.

DO LOGOGRIPO: — Charuto.

A RIR

Uma senhora perguntava a um astrónomo celebre a opinião
d'elle sobre se a lua era ou não habitada.

— Minha senhora, respondeu o astrónomo, o que sei é que ha
uma lua em que se encontra um homem.

— E qual é ella?

— A lua de mel.

Definição encontrada n'um album:

Clarinete: — instrumento que torna surdos os que o ouvem, e
cegos os que o tocam.

Duas amigas, desde o collegio, trocam as suas confidencias.
Uma d'ellas casa-se no dia seguinte, e a outra serve-lhe de ma-
drinha.

A noiva:—Se quizeres, vae visitar-me no dia immediato ao
do casamento, e contar-te-hei tudo!

A outra:—Oral é sempre a mesma coisa.

UM CONSELHO POR SEMANA

PARA PURIFICAR O ALCOOL

Junta-se a cada litro de alcool uma ou duas grammas de
chloreto de cal e 8 grammas de carvão animal.

Deixa-se repousar por 24 horas e decanta-se.

A PEQUENA ACTRIZ

Na pequena cidade d'Angra debatia-se havia dois mezes, en-
tre a miseria e a esperanza de se desenrascar d'aquelles cacho-
pos para onde a malfadada sorte a atirara, uma luzente compa-
nhia dramatica, do continente do reino.

Artistas em disponibilidade em Lisboa e provincias, haviam
accettato a proposta de um empresario... como ha muitos.

N'aquellas terras, é habito ver-se uma peça uma só vez, por
melhor que seja.

— Quer-se o dinheiro bem aproveitadinho, dizem os especta-
dores, uns economicos ferozes.

Ha, é certo, os rapazes entusiastas, amanuenses que dedi-
ham a lyra «menos afamada que ditosa», ao inverso do nosso
grande epico, e operarios que ganham doze vintens diarios e teem
de prover com elles a todas as exigencias do homem civilisado.
Todos esses cavalheiros teem sobre a arte dramatica, esta opi-
nião previa e fundamental: ver representar de borla... Afóra isto,
são os mais calorosos entusiastas do mundo.

Debalde o director da companhia «Lusitana» recortera ao
drama antigo e ao moderno, á alta e á baixa comedia, á magica e
á opereta: o publico de dinheiro a nada se movia.

Ors, no theatro havia uma pequenita de oito annos, mas que
parecia ter cinco, tal era o tumidinho do corpo, o seu ar de cão da
rua, maltratado a bico de bota e a lama. Era a filha do porteiro
do theatro, um refinadissimo bebado, de faces vermelhas e flo-
rescencias no nariz zabumba.

Para mais infelicidade da pequenita, o malvado estava aman-
cebado com uma mulhersinha em tudo digna d'elle, que se oc-
cupava só em dar á lingua, em todo o dia, e substituiu-o quando
elle, na sua qualidade de sacerdote de Baccho, ia ao templo res-
pectivo, prostrar-se religiosamente... debaixo da mesa.

Era a pequena um malhadeiro de pancadas da desavergo-
nhada furia que lhe servia de madrastra, e tinha por isso o corpi-
nho cheio de nodos negros.

Descalça, com o cabelo cortado á escovinha, um vestidinho
curto de percale côr de rosa (dadia de uma bemfeitora), todo en-
lameado e roto, as faces pallidas, amarellentas e encovadas, os
olhos brilhantes, com olheiras, da febre con tante produzida pela
fome; o pescoço nu e delgadinho que se podia abarcar n'uma
mão, dava uma idéa comprehensivel do que seria uma estatua da
miseria infantil, se um esculptor abrisse no marmore a flaccidez
d'aquellas carnes, a transparencia d'aquellas veias onde corria
um sangue depauperado.

Os actores chamavam-a para lhes fazer recados e davam-lhe
alguma cousa de comer, cortados de dó os corações. Era de ver
como a Formiga, que assim appellidavam a pequena, porque nos
Açores toda a gente tem alcunha, se desembaraçava das iguarias
que reputava finissimas, porque nunca as vira na mesa negra da
mãe—nome que ella dava á megera que estava com o pae. A po-
bre mãe, a verdadeira, a que a amava, tinha morrido havia 5 an-
nos, estoirada com pancadaria.

Quando acabava de comer os restos que lhe davam nos ca-
marins os actores, como se fosse um cãosiho, a infeliz creança,
extenuada ás vezes pelo jejum de todo o dia, porque não se atre-
via a pedir de comer á «soi-disant» madrastra, com receio de apa-
nhar uma «fatia» sem ser de pão, atirava-se para um canto, so-
bre um montão de trapos, e dormia a somno solto, muitas vezes
em cima da purpura de um imperador romano, respitada pelos
ratos familiarisados já com ella e amigos velhos.

Assim passava a noite na caixa, sosinha, sem receio nenhum,
pela simples razão de que levava toda a noite d'um somno e
sempre se sentia mais tranquilla do que em casa. As almas do
outro mundo, que tanto terror mettem ás creanças ricas, nunca

quizeram nada com ella. Até o diabo passava de largo, agitando a cauda triumphante e cheirando a enxofre.

Quando ella contava, muito séria, estes rasgos de heroismo em casa da ingenua da companhia, uma respeitavel senhora mãe de quinze filhos, dos quaes somente os cinco mais novos a acompanharam á ilha, as creanças, divinamente medrosas, tinham nos seus olhos infantis espantos incommensuraveis. A Formiga crescia quatro palmos aos olhos d'ellas. Era uma heroína. E testemunhavam-lhe o seu assombro, mettendo repetidas vezes o dedo no nariz, enquanto ella discorria.

Sentia-se então feliz, a Formiga, n'estes momentos deliciosos de triumpho.

—Veem? dizia ella radiante. Os meninos são ricos e eu sou pobre; mas não tenho medo!

Ah! como ella era maliciosa quando dizia isto!

—Aonde está a Rosalia? clamou o Mercurio. Oh! Rosalia!

—Ahi vou! bradou a actriz, do fundo do seu camarim.

E momentos depois, apparecia, vestida de mendiga e caracterizada. Todos riram.

—Tenho cá uma idéa, disse ella.

E de repente voltou-se de frente para a Formiga e lançou-lhe a mão.

A Formiga, surprehendida, attentou n'ella e logo um grande terror lhe invadiu as feições de uma pallidez mortal e principiou a tremer. A caracterisação da actriz era uma copia perfeita da madastra da rapariga. Era d'ahi que lhe provinha o terror. Então a actriz, declamando o seu papel, exclamou:

—Vou-te moer esses ossos! grande monstro!

E arregalou-lhe os olhos.

A pequena que, já n'aquelle dia, tinha apanhado em casa a sua conta, esqueceu-se de que estava diante da actriz e desatou a gritar com um accento dolorosissimo:

—Não me dê mais pancadas!... pela sua saude!...

E caiu de joelhos, erguendo para ella as mãos postas.

Era tão verdadeira, tão sentida, tão despedaçadora a expressão physionomica e a voz da Formiga, que todos se sentiram commovidos até ás lagrimas, porque conheceram quanta verdade havia atravez d'aquella ingenuidade.

A actriz, arrancando então a cabelleira e apagando os principaes traços da caracterisação, socegou a rapariga e abraçou-a.

O mais engraçado é que a ameaça da mendiga, segundo declarou a Formiga, tinha exactamente a mesma formula das que lhe fazia a madastra e foi por isso que ella se assustou de veras. Pelo seu lado, os actores reconheceram que a resposta da pequena era magnifica; e para nada perder da sua naturalidade, não devia ser alterada e teria de substituir a do drama.

Ensaiou-se pois a peça. O director encomendou uns cartazes monstros, que vestiam as esquinas das ruas d'alto abaixo. Os prelos gemeram com reclamos; e a noticia assombrosa de que a Formiga ia *debutar*, produziu um effeitarrão.

Chegou o dia da *prem ère*, e segundo a phrasologia jornalística indigena, «vinha o theatro abaixo, com espectadores». O primeiro acto correu frio. Esperava-se com anciedade pelo segundo.

Quando o panno subiu e appareceram os primeiros mendigos, dirigindo-se para os degraus da igreja, o publico estava sobre brasas. Afinal apparece a mendiga com a caracterisação da mulher do porteiro, trazendo a Formiga pela mão. O publico applaude apaixonadamente. A alma popular tinha percebido a profunda ironia da actriz. O theatro era mais do que escola; era um castigo e um implacavel espelho social.

Todos examinam atravez dos binoculos a Formiga. A mendiga curva-se para ella e diz-lhe com um accento terrivel, dandolhe um empurrão brutal, quando vê sair o povo da igreja.

—Ah! granhe manhosa! Tu não queres chorar? Vou-te moer os ossos! Grande monstro!

E levanta a mão com uma expressão tão decidida, que a pequena, desprevenida porque não lhe tinha visto fazer aquelle gesto nos ensaios, assusta-se de veras e principia com ancia a declamar a sua lamentação favorita:

—Não me dê mais pancadas! pela sua saude!...

E cae sinceramente de joelhos, com as mãos postas, tremulas e esqueleticas, erguidas para a megera. As lagrimas rolam-lhe pelas faces; e como está voltada para o publico, por causa de uma habil manobra da actriz, a platéa ergue-se em pé, n'um trovão d'applausos, as senhoras nos camarotes soluçam.

E aquelle bom publico, que não tolerava uma peça mais do que uma vez em scena, corre a assistir dez noites consecutivas á repetição do famoso drama e ao triumpho da Formiga!

—Agora, querem saber quanto o director da companhia deu ao pae da pequena, pelo seu trabalho, que lhe encheu a algibeira de libras?—Dez tostões!

Tambem, o porteiro não se poz com cerimonia: chamou-lhe diante de toda a companhia—ladrão!

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.ª, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



O TUNEL DO MONTE-CENIS

Sucedeu então uma cousa extraordinaria na vida da Formiga, que a arrancou para sempre da obscuridade e a preparou para os theatros de curiosos, onde hoje é uma estrella.

Tratava-se de uma mendiga que tinha alugado uma creança para o peditorio e á qual maltratava. A creança tinha de profir em scena algumas phrases. Estavam todos embaraçados com a falta d'aquella rabulasinha, quando um actor, por alcunha—o Mercurio, disse de subito:

—Olhem! quem estava a caracter, era a Formiga...

Todos se entre-olharam com intelligencia.

—Soberbo! exclamou a actriz que tinha de fazer o papel de mendiga, um dos mais importantes da peça.

E logo principiaram:

—Aonde está a pequena?

—Ella, ainda ha pouco, andava por ahi.

—Chamem-a.

Dali a momentos, estava a Formiga perfilada no meio dos artistas.

A actriz Rosalia, que tinha o papel de mendiga, havia desaparecido.